



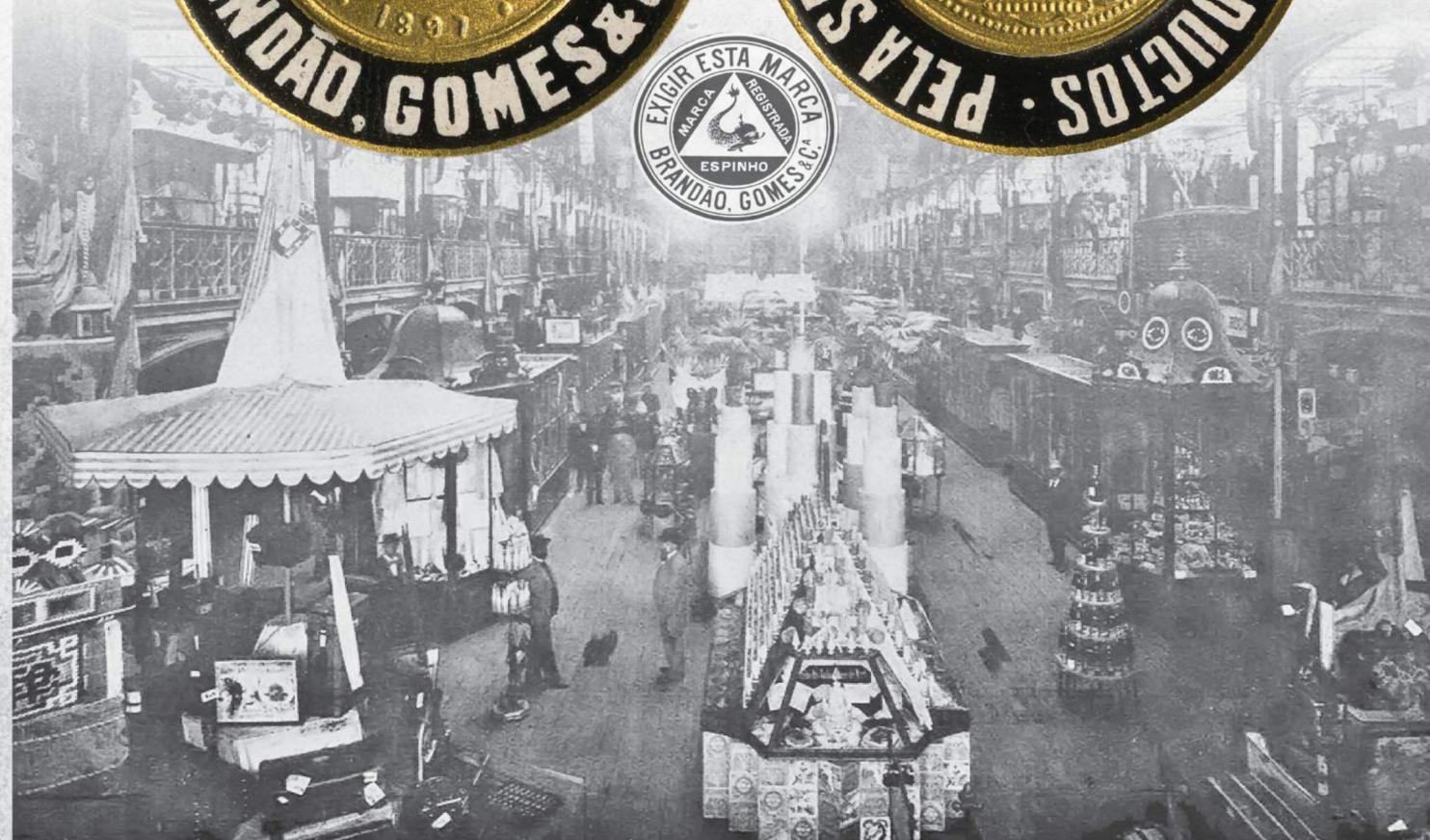
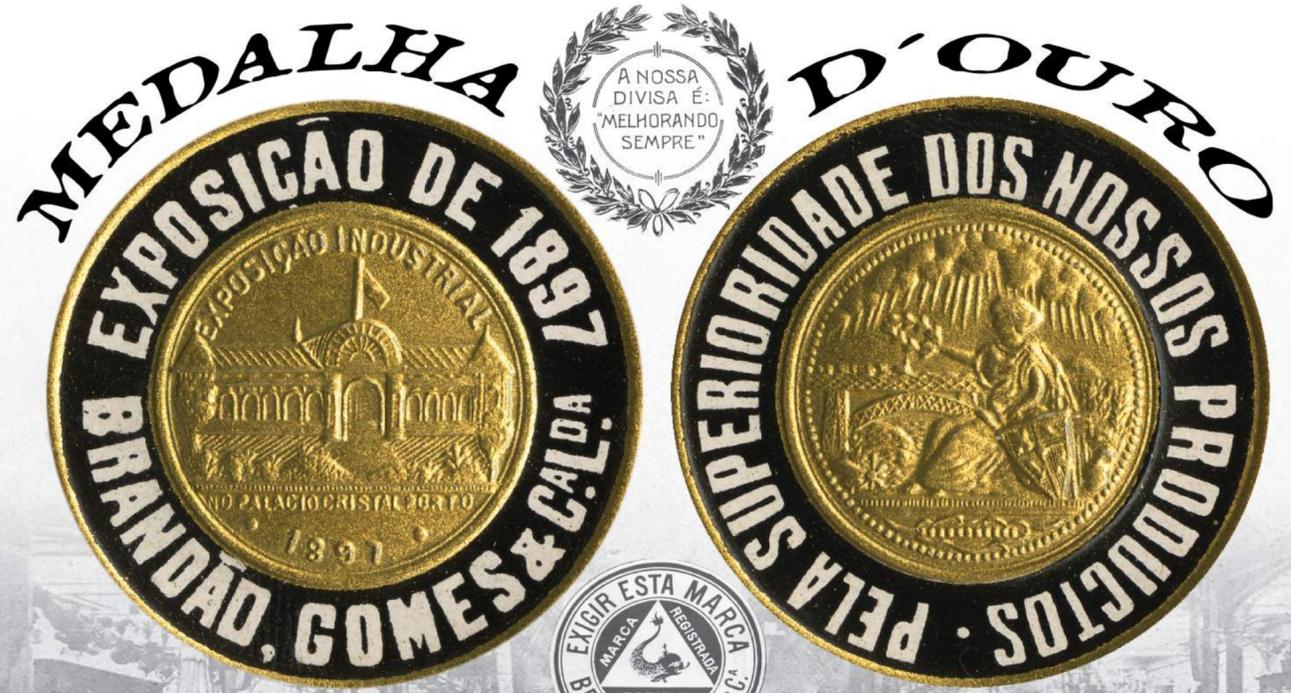
# REAL FÁBRICA DE CONSERVAS BRANDÃO, GOMES & C.ª ESPINHO



N.º 2 18 DE MAIO DE 2016

Coordenação: Armando Bouçon | Editores: Tiago Castro e Abel Casal Ribeiro | Redactor: José Manuel Chumbinho | Design Gráfico e Paginação: Tiago Castro | Edição: Câmara Municipal de Espinho-Museu Municipal de Espinho

## a REAL FÁBRICA DE CONSERVAS BRANDÃO, GOMES & C.ª na EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PALÁCIO DE CRISTAL - PORTO - 1897





## MEDALHA DE OURO

O Jury da Classe IV da Exposição Industrial recentemente realizada no Palácio de Crystal, da cidade do Porto, acaba de conferir unanimemente á nossa firma social a UNICA MEDALHA DE OURO que foi distribuída a todas as fabricas d'este paiz.

Semelhante distincção que excepcionalmente foi conferida á nossa Real Fabrica de Conservas Alimenticias, não nos envaidece a ponto de dormirmos sobre os louros da victoria; antes, pelo contrario, incita-nos a novos commettimentos e enthusiasma-nos a procurar tornar sempre em plena evidencia a nossa divisa:

“MELHORAR SEMPRE”  
Espinho, 1 de Janeiro de 1898



### Exposição do Palacio de Crystal - Jury da Classe IV em visita official á Real Fabrica de Conservas Alimenticias de Brandão, Gomes & C.<sup>a</sup>

O Jury da Classe IV da Exposição do Palacio de Crystal, do Porto, visitando em missão official esta considerada fabrica, tem a vivissima satisfação de vêr confirmado tudo quanto a respeitam d'ella ouviam de importante e aceiado, obra de uma iniciativa intelligente e de uma vontade sem limites. Apreciando o grau de desenvolvimento

Espinho, 26 de Novembro de 1897

Barão de Soutellinho,  
Presidente do Jury.

Aarão Ferreira de Lacerda, relator.

Augusto Ventura de Magalhães.

José da Costa Lima.

A. A. Calem Junior, secretar



\*A/ - No arco superior da orla a leg.: EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL. Vista da fachada principal do Palácio e aspecto dos jardins, notando-se várias árvores e arbustos e alguns canteiros. Junto do friso, no limite inferior do campo, à direita, a ass.: A.R.[Alves do Rego] No exergo, em linha horizontal, conclusão da leg.: NO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO; mais abaixo, junto da orla, entre duas pequenas estrelas e sobrepujada por um travessão, a data: 1897.



R/ - Ao alto os raios de sol rompendo por entre nuvens. Em primeiro plano, à direita, figura feminina sentada, com o braço esquerdo apoiado ao escudo de armas da cidade do Porto e o direito estendido, segurando uma coroa de louro. Por detrás desta figura vêem-se arbustos e uma colmeja; e na sua frente, ocupando a metade esquerda da composição alegórica, vários objectos de industria, como: um jarro de prata lavrada, uma roda dentada, um compasso, alusivos ás diversas actividades industriais. Ao fundo, sobre a Ponte de D. Maria Pia, passa um comboio. No exergo, à direita de um ornato, liso na parte central (destinada á gravação do nome), a ass.: A. REGO.

\*ARAÚJO, Agostinho - Elementos para a Iconografia do Palácio de Cristal (algumas Medalhas). <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/11047.pdf>



\*O edificio do Palácio de Cristal portuense, com as suas três naves, totalizava uma área coberta de 7.900 m<sup>2</sup>. Com uma largura total de 40 metros, a nave central tinha uma abóboda em vidro com 19 metros de altura e 107 de profundidade. De menor volume, as naves laterais ficavam-se pelos 8,3 metros de largura e 94 de comprimento. Na fachada, a inscrição “Progredior” anunciava os novos tempos de progresso que o Palácio de Cristal encarnava.



Em meados do século XIX vivia-se por toda a Europa um furor de desenvolvimento industrial e tecnológico. Em 1851, na capital da próspera Inglaterra, abria as portas a Exposição Universal. Para acolher o importante certame, nos jardins do Hyde Park foi erguido um grandioso edificio de vidro e ferro, o Crystal Palace. De linhas arrojadas e inéditas, o edificio fora concebido por Joseph Paxton, um engenhoso construtor de estufas, e edificado no tempo record de seis meses. Com 70 mil metros quadrados de área coberta, o edificio foi o primeiro exemplo de prefabricação total. Findo o objetivo para o qual foi construído, o Crystal Palace foi vendido e pôde ser desmontado peça por peça e reconstruído noutro local

De entre os milhares de visitantes que, de todo o mundo, acorreram á exposição de 1851 encontravam-se alguns portuenses, na mente dos quais começou a germinar o sonho de um dia poder realizar algo de semelhante em Portugal. No entanto, á época, as finanças nacionais estavam depauperadas, a agricultura tradicional imperava e a indústria era insipiente.

Apesar do enquadramento desfavorável, em 1854 é fundada no Porto a Sociedade Agrícola que, três anos depois, organizou uma exposição, precisamente no campo da Torre da Marca, então o local onde se iniciavam os subúrbios semimurais do Porto. Nesse mesmo ano, também a Associação Industrial Portuense (hoje chamada Associação Empresarial de Portugal) organizava uma exposição no Asilo de Mendicidade, nas Fontainhas. Em 1861, a mesma associação levou a cabo a Primeira Exposição Industrial Portuguesa, desta feita no Palácio da Bolsa, ainda em construção.

Perante o estímulo que estes certames provocaram na economia da cidade e da região e o interesse que despertaram no grande público, foi criada a Sociedade do Palácio de Cristal Portuense, com o objetivo de «construir um palácio destinado a exposições agrícolas, industriais e artísticas». Tal edificio seria erguido no campo da Torre da Marca.

O projeto do palácio ficou a cargo do arquiteto inglês Thomas Dillen Jones, tendo por modelo o Crystal Palace londrino. No entanto, houve que fazer cedências ao gosto portuense. Aos espaços abertos de colunas e abóbodas de ferro e vidro

foi justaposta uma ampla fachada granítica com dois monumentais torreões, fazendo jus á preferência da burguesia portuense por esta pedra, tão típica da cidade e da região. Esta “customização”, digamos assim, teve o grande inconveniente de fixar o palácio ao local onde foi construído. Ao contrário do original londrino, o pavilhão portuense perdeu a capacidade de poder ser facilmente desmontado e erguido noutro local, caso tal viesse a ser necessário.

O edificio do Palácio de Cristal portuense, com as suas três naves, totalizava uma área coberta de 7.900 m<sup>2</sup>. Com uma largura total de 40 metros, a nave central tinha uma abóboda em vidro com 19 metros de altura e 107 de profundidade. De menor volume, as naves laterais ficavam-se pelos 8,3 metros de largura e 94 de comprimento. Na fachada, a inscrição “Progredior” anunciava os novos tempos de progresso que o Palácio de Cristal encarnava.

Vencidos todos os contratempos – mormente a crónica falta de verbas –, a 18 de setembro de 1865, teve lugar a abertura oficial da Exposição Internacional Portuguesa e, com ela, a inauguração do palácio. Presidida pelo rei D. Luís, a cerimónia revestiu-se de uma solenidade e esplendor pouco habituais em terras portuenses. Para além da família real, integravam o numeroso séquito vários ministros e autoridades nacionais, bem como todas as figuras relevantes da economia, da política e da sociedade nortenhas. A assistir, uma multidão compacta de populares.

A exposição atraiu 4.300 expositores de 30 nacionalidades, estando dividida em quatro secções: matérias-primas, maquinaria, produtos manufacturados e belas-arts. Portugal jamais havia sido palco de tamanho empreendimento! Durante o mês e meio em que esteve aberta ao público, a exposição atraiu mais de 60 mil pessoas, número impressionante se atendermos a que a população do Porto não chegava, na época, aos 87 mil habitantes.

Após a exposição de 1865, o Palácio de Cristal foi palco de muitos outros certames, a par de iniciativas desportivas, culturais e recreativas. No interior da nave central, ao fundo, foi instalado um famoso órgão, tido por muitos como um dos melhores do mundo. Junto da nave late-

ral, para nascente, abriu o Teatro Gil Vicente, com capacidade para 1.000 espectadores e, na extremidade oposta, as estufas com plantas tropicais. Nas naves laterais encontravam-se serviços de apoio, tais como o gabinete de leitura, os bazares e as salas de exposição e venda de belas artes. Do lado oeste, sobre os jardins e o lago, encontrava-se um requintado restaurante.

Em volta do palácio, o espaço era igualmente muito acolhedor e rapidamente se tornou num autêntico local de desfile da fina flor da sociedade portuense. No coreto da conhecida avenida das Tílias, todos os domingos e feriados havia música por conta de bandas regimentais. Mais à frente, a concha, ainda existente, apresentava peças de teatro e recitais. Ao fundo da avenida, à direita, havia um chalé alpino, de onde se apreciavam desafogadas vistas sobre a foz do rio e o mar. Nas proximidades estavam as coleções zoológicas, a aldeia dos macacos e a gaiola das águias. A volta, o compacto arvoredo convidava ao passeio e á tranquilidade.

A par da Torre dos Clérigos e do Palácio da Bolsa, o Palácio de Cristal passou a integrar o restrito grupo das grandes atrações turísticas, arquitetónicas e sociais do Porto. Ramalho Ortigão, Eça de Queirós, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, António Nobre, Júlio Brandão, entre outros artistas e intelectuais, eram visitas assíduas do palácio. O Palácio de Cristal e os seus jardins representam o ponto alto do Porto romântico

oitocentista. Nas primeiras décadas do século XX, a deficitária exploração do palácio começou a comprometer a sua boa manutenção e o edificio foi revelando sinais crescentes de degradação. Em 1933, a Câmara Municipal do Porto comprou o recinto por 2.000 contos (10.000 euros), com o objetivo de aí realizar a Exposição Colonial Portuguesa no ano seguinte. Como sinal de afirmação do Estado Novo e da política colonial, nos jardins do palácio foram erguidas réplicas idealizadas de aldeias autóctones das colónias portuguesas de então, “animadas” por nativos trazidos propositadamente para o efeito. Nesse ano de 1934, milhares de portuenses acorreram ao palácio para admirar os “indígenas”, com o mesmo espanto que sentiam perante animais exóticos num jardim zoológico. Este foi o último grande evento realizado no palácio.

Em 1941, o violento ciclone que assolou a região agravou seriamente o estado de ruína em que já se encontrava a cobertura do edificio. A persistente exiguidade do orçamento camarário foi adiando sucessivamente reparações profundas, que tanto tinham de urgentes como de dispendiosas. Sob a presidência do coronel Licínio Presa, por deliberação camarária de dezembro de 1951, foi decidido demolir o Palácio de Cristal. O pretexto foi a necessidade urgente de se construir um recinto moderno para acolher o campeonato mundial de hóquei em patins a realizar no ano seguinte. Desta forma inglória, pôs-se fim ao Palácio de Cristal, símbolo ímpar da arquitetura do ferro em Portugal e que tão fortemente marcou a vida económica, social e cultural da cidade.

\*SOUSA, Manuel de - *Palácio de Cristal: da Torre da Marca ao Pavilhão Rosa Mota*. Publicado em 17 de Outubro de 2014. [www.porto24.pt](http://www.porto24.pt)